

# STEVE REICH & BANG ON A CAN

CCB



1 NOVEMBRO 2009 GRANDE AUDITÓRIO 21H M / 12

# STEVE REICH & BANG ON A CAN

ESPECTÁCULO INTEGRADO NO FESTIVAL TEMPS D'IMAGES

## PROGRAMA

### CLAPPING MUSIC

STEVE REICH \ DAVID COSSIN

### NEW YORK COUNTERPOINT

EVAN ZIPORYN > CLARINETES

### PIANO PHASE \ VIDEO PHASE

DAVID COSSIN > PERCUSSÃO ELECTRÓNICA

## INTERVALO

### MUSIC FOR PIECES OF WOOD

STEVE REICH \ DAVID COSSIN \ DOMINICK DONATO  
THOMAS KOLOR \ MICHAEL LIPSEY

### ELECTRIC COUNTERPOINT

MARK STEWART > GUITARRA ELÉCTRICA

### SEXTET

DAVID COSSIN \ DOMINICK DONATO \  
THOMAS KOLOR \ MICHAEL LIPSEY > PERCUSSÃO  
DAVID FRIEND \ EVAN ZIPORYN > PIANO\TECLADOS

**DAVID COSSIN**  
PERCUSSÃO

**DOMINICK DONATO**  
PERCUSSÃO

**DAVID FRIEND**  
PIANO

**THOMAS KOLOR**  
PERCUSSÃO

**MICHAEL LIPSEY**  
PERCUSSÃO

**STEVE REICH**  
COMPOSITOR

**KENNETH SAVELSON**  
DIRECTOR

**MARK STEWART**  
GUITARRA

**EVAN ZIPORYN**  
CLARINETES

**ANDREW COTTON**  
ENGENHEIRO DE SOM

## CLAPPING MUSIC

Escrevi *Clapping Music* porque me apetecia criar uma pequena obra que não recorresse a nenhum instrumento a não ser o corpo humano. Pensava, de início, que seria uma peça baseada na técnica do faseamento, mas verifiquei que era inapropriada porque introduzia um processo musical difícil (*phasing*) que não se harmonizava com uma forma tão simples de produzir o som. A solução consistiu em dar um papel fixo a um dos intérpretes, fazendo-o repetir o mesmo motivo básico ao longo da obra, enquanto o segundo se desloca, depois abruptamente, após um número de repetições, da união para um tempo à frente, e assim por diante até se encontrar, de novo, em uníssono com o primeiro intérprete. A diferença entre estas mudanças, por vezes súbitas, outras graduais, no faseamento musical, é que quando se toca segundo um processo faseado, ouve-se o mesmo motivo afastar-se de si próprio, com os tempos de apoio de ambas as partes a separarem-se cada vez mais. No entanto em *Clapping Music* as mudanças súbitas criam a impressão de uma série de variações de motivos diferentes onde os tempos de apoio coincidem. Nesta peça, podemos ter dificuldade em perceber que o segundo intérprete toca de facto o mesmo motivo que o primeiro, ainda que o inicie em tempos diferentes.

STEVE REICH

## NEW YORK COUNTERPOINT

*New York Counterpoint* de Steve Reich integra uma série de obras para solista acompanhada por pré-gravações de layers dos próprios. Faz parte do interesse

recorrente de Steve Reich a mediação entre gravação e a actuação ao vivo, como está evidenciado nos seus primeiros trabalhos: *It's Gonna Rain* até *The Cave*. NYC foi escrito originalmente para Richard Stoltzman. Eu gravei-a de novo sob a supervisão de Reich em Janeiro de 1996. As sessões tiveram lugar em Nova Iorque no dia seguinte à “tempestade do século”, quando todo o leste dos Estados Unidos foi sepultado por vários metros de neve. Quase não cheguei ao aeroporto a tempo e acabei por passar dezasseis horas no comboio de Boston para Nova Iorque (normalmente leva cinco horas), chegando a uma Manhattan morta, às quatro da manhã, caminhando pela neve com os meus instrumentos. Os táxis não circulavam, e desde o tempo da colonização pelos Holandeses que a cidade não estava tão calma. As únicas pessoas que estavam na rua eram os porteiros do Russian Tea Room, que limpavam activamente a neve. Terminou com o Sindicato dos Músicos a recusar pagar-me, alegando que tinha a certeza que era impossível ter trabalho naquele dia.

EVAN ZIPORYN

## PIANO PHASE \ VIDEO PHASE

A obra original *Piano Phase* para dois pianos foi composta em 1967. Os dois pianistas tocam o mesmo motivo repetidamente mas um deles, gradualmente, aumenta o compasso de forma a deslocar-se lentamente para uma oitava acima, ou em desfasamento com o outro. Este processo é repetido com três motivos que se tornam mais curtos em duração. O filme projectado desta peça foi criado por David Cossin em 2000, e é utilizado

um vídeo pré-gravado do autor, onde este toca a peça com sons de percussão midi, os quais desencadeiam samples de piano das notas da peça.

STEVE REICH

## MUSIC FOR PIECES OF WOOD

A obra original de *Music for Pieces of Wood* foi escrita para claves (instrumento de percussão em madeira formado por um par de bastões cilíndricos). A versão desta noite é um arranjo para bateria de David Cossin. O interesse de Steve Reich pela percussão tem sido uma constante ao longo da sua vida musical e esta obra é um exemplo de como se pode compor algo invulgar apenas com elementos básicos. O diapasão é usado na afinação das claves, mas depois da peça se iniciar, esse parâmetro passa para segundo plano. Para entender a peça imaginem ouvir um caleidoscópio. Um motivo está estabelecido, em seguida move-se, como o rodar do caleidoscópio. Há 58 mudanças de motivo num período de dez minutos. Três secções gerais compreendem a forma global. Cada secção emprega uma progressão aditiva para construir densidade e está ligada à secção contígua pela semínima de base construída pelo músico que toca a primeira clave.

JOE HOLMQUIST

## ELECTRIC COUNTERPOINT

*Electric Counterpoint* (1987) foi originalmente composta para o guitarrista Pat Metheny como a terceira de uma série de peças (a primeira, *Vermont Counterpoint* para flauta, seguida

de *New York Counterpoint* para clarinete), todas executadas por um solista tocando em oposição a uma cassette pré-gravada dos próprios. Em *Electric Counterpoint* o solista pré-grava as partes de dez guitarras e dois baixos eléctricos, para então tocar ao vivo a parte da décima primeira guitarra em simultâneo com a gravação. Gostaria de agradecer a Pat Metheny por me ter indicado como melhorar a peça, tornando-a mais adequada para a guitarra.

STEVE REICH

## SEXTET

A peça *Sextet* foi encomendada pelo grupo Laura Dean Dancers and Musicians e pelo Governo francês para o Nexus Percussion Ensemble. A primeira apresentação, sob o título de *Music for percussion and keyboards*, foi realizada no Centre Georges Pompidou, em Paris, a 19 de Dezembro de 1984, pelo Nexus e artistas convidados nos teclados. O último andamento foi revisto em Janeiro de 1985 e o título encurtado para *Sextet*. A estreia americana deu-se a 31 de Outubro de 1985, pelo grupo Laura Dean Dancers and Musicians, no New Wave Festival da Brooklyn Academy of Music, apresentada como a música para *Impact* de Laura Dean. A estreia em concerto nos Estados Unidos pelos Steve Reich and Musicians teve lugar na Great Performers Series, Avery Fisher Hall, a 20 de Janeiro de 1986. *Sextet* (1985) para quatro percussionistas e dois teclistas é escrito para três marimbas, dois vibrafones, dois bombos, crotales<sup>1</sup>, sticks, tantãs, dois pianos e dois sintetizadores. A obra dura cerca de 28 minutos. Esta obra tem cinco andamentos, executados sem interrupção. Entre os cinco andamentos há uma relação em arco do tipo A-B-C-B-A. >

O primeiro e último andamentos são rápidos, o segundo e quarto moderados e o terceiro lento. As mudanças de tempo são feitas bruscamente no início de cada andamento através da modulação métrica<sup>2</sup>, de forma a tornar-se mais lento ou mais rápido. Os andamentos estão também organizados harmonicamente, com um ciclo de acordes para o primeiro e quinto, outro para o segundo e quarto e outro ainda para o terceiro. Quanto às harmonias utilizadas, são maioritariamente acordes da dominante com tons acrescidos, o que cria uma linguagem mais sombria, mais cromática e mais variada, sugerida já em *The Desert Music* (1984).

Os instrumentos de percussão produzem, na sua maioria, sons de relativa curta duração. Nesta peça interessou-me tentar ultrapassar essa limitação. O uso do vibrafone com arco, não só de passagem, mas como uma voz instrumental principal no segundo andamento, tornou-se uma das formas de conseguir sons longos contínuos, que não são possíveis no piano.

Os instrumentos tocados com baquetas (percutidos), a marimba ou o vibrafone, são instrumentos com um registo geralmente agudo ou médio, sem registo grave. Para ultrapassar esta limitação o bombo é utilizado para duplicar o piano ou o sintetizador quando tocam no registo grave, em particular no segundo, terceiro e quarto andamentos.

Algumas das técnicas de composição usadas incluem algumas presentes na minha música já em 1971, em *Drumming*. Em particular, a substituição de batimentos por pausas, para “construir” um cânone entre dois ou mais instrumentos idênticos, que tocam o mesmo padrão recorrente, é muito usado no primeiro e último andamentos.

A mudança súbita de uma posição rítmica (ou fase) de uma voz dentro de um contexto de “teia” repetitivo, em contraponto, acontece pela primeira vez no meu *Six Pianos*, de 1973, e nesta peça de uma forma geral. Cânones duplos, em que um cânone se move lentamente (com os vibrafones tocados com arco) e o outro se move rapidamente (os pianos) aparecem, a primeira vez, em *Octet*, de 1979. Técnicas oriundas da música africana, onde a ambiguidade é gerada, principalmente, pela alternância de métricas de 12 tempos, ora entre três grupos de quatro tempos, ora em quatro grupos de três, aparecem no terceiro e quinto andamentos. Há um padrão rítmico ambíguo tocado pelos vibrafones, no terceiro andamento, mas tocado num tempo muito mais rápido. O resultado é a mudança na percepção do que, na realidade, não mudou. Outras técnicas relacionadas, mais recentes, aparecem quase no final do quarto andamento, onde se remove a maioria do material melódico dos sintetizadores, deixando que o acompanhamento dos dois vibrafones se torne no novo foco melódico. Na mesma perspectiva, o acompanhamento que o piano faz no segundo andamento transforma-se na melodia do sintetizador no quarto andamento. Aqui, a ambiguidade reside entre o que será a melodia e qual será o acompanhamento. Acredito que é este tipo de ambiguidades – em música que usa a repetição como base – que lhe confere vitalidade.

STEVE REICH

## STEVE REICH

Steve Reich foi recentemente considerado “o nosso maior compositor vivo” (*New York Times*); “...o maior compositor vivo da América” (*The Village VOICE*); “...o pensador de música mais original do nosso tempo” (*The New Yorker*); e “...está entre os maiores compositores do século” (*New York Times*). Das suas primeiras gravações, *It’s Gonna Rain* (1965) e *Come Out* (1966), à ópera em vídeo digital *Three Tales*, em colaboração com Beryl Korot, o trajeto de Reich abrangeu, não só expressões da música clássica ocidental, mas ainda estruturas, harmonias e ritmos não ocidentais e da música indígena americana, em particular do jazz. “Há apenas um grupo restrito de compositores vivos que podem legitimamente reivindicar a alteração do rumo na história da música e Steve Reich é um deles”, defende o *The Guardian* (Londres).

Nasceu em Nova Iorque, cresceu entre esta cidade e Califórnia. Formou-se com distinção em Filosofia na Universidade de Cornell, em 1975. Durante os dois anos seguintes, estudou composição com Hall Overton e, de 1958 a 1961, estudou na Juilliard School of Music com William Bergsma e Vincent Persichetti. Reich fez o mestrado em Música no Mills College, em 1963, onde trabalhou com Luciano Berio e Darius Milhaud.

Durante o Verão de 1970, com uma bolsa do Instituto para a Educação Internacional, estudou percussão no Instituto de Estudos Africanos da Universidade do Gana, em Accra. Entre 1973 e 1974, estudou Gamelan Semar Pegulingan (gamelões do Bali) e Gamelan Gambang na Sociedade Americana para as Artes Orientais, em Seattle e Berkeley, Califórnia. No período de 1976 a 1977, estudou as formas tradicionais dos cânticos das escrituras hebraicas em Nova Iorque e Jerusalém.

Em 1966, fundou o seu próprio ensemble com três músicos, que rapidamente cresceu para 18 ou mais membros. Desde 1971 que Steve Reich and Musicians têm tocado frequentemente por todo o mundo, em salas com lotação esgotada, como o Carnegie Hall e o Bottom Line Cabaret.

A peça de Reich de 1988, *Different Trains*, marcou um novo método de composição, com raízes em *It’s Gonna Rain* e *Come Out*, onde gravações de discursos dão origem ao material musical para os instrumentos. O *New York Times* saudou *Different Trains* como



© JEFFREY HARMANN

“uma obra de uma originalidade tão espantosa que ultrapassa qualquer descrição possível [...] com um impacto emocional lancinante.” Em 1990, Reich recebeu o Grammy de Melhor Composição Contemporânea, pela gravação de *Different Trains* pelo Kronos Quartet gravado pela etiqueta Nonesuch. Obteve um segundo Grammy em 1999 pela sua obra *Music for 18 Musicians* também da Nonesuch. Em 1997, a Nonesuch lançou uma retrospectiva com uma selecção de 10 CD’s das suas composições, integrando várias gravações novas e algumas obras remasterizadas.

Em Julho de 1999, foi organizada uma importante retrospectiva do seu trabalho pelo Lincoln Center Festival. Anteriormente, em 1988, o South Bank Centre, em Londres, apresentou uma série semelhante de concertos retrospectivos.

*The Cave*, de Steve Reich e Beryl Korot, uma peça de vídeo-teatro musical que explora a história bíblica de Abraão, Sara, Hagar, Ismael e Isaac, foi recebida pela revista *Time* como “uma visão fascinante do que a ópera poderá ser no século XXI”. Na estreia em Chicago, John von Rhein, do *Chicago Tribune*, escreveu: “As técnicas adoptadas por esta obra têm o potencial de enriquecer a ópera, enquanto arte viva, inestimável [...]. *The Cave* impressiona, em última análise, como uma poderosa e imaginativa obra de teatro musical *high-tech* que faz com que o perturbado presente entre num diálogo ressonante com o passado distante

<sup>1</sup> Por vezes também designados por ‘címbalos arcaicos’.

<sup>2</sup> A semínima passar a valer mínima, ou vice-versa.

e convida-nos, a todos, a considerar de novo a nossa herança cultural comum.”

*Three Tales*, uma vídeo-ópera documental e digital em três partes, é o segundo trabalho de colaboração entre Steve Reich e Beryl Korot sobre três eventos bem conhecidos do século XX, numa reflexão sobre o crescimento e as implicações da tecnologia do século XX: *Hindenburg*, sobre a queda do zepelim alemão em New Jersey em 1937; *Bikini*, sobre os testes com bombas nucleares no atol Bikini, entre 1946 e 1954, e *Dolly*, a ovelha clonada em 1997, e as questões decorrentes da engenharia genética e robótica.

*Three Tales* é uma obra de teatro musical em três actos, onde filmes históricos e vídeos, entrevistas gravadas em vídeo, imagens e textos, e especialmente stills construídos são recriados em computador, transferidos para vídeo e projectados em ecrã gigante. No palco, um ecrã, onde músicos e cantores tomam os seus lugares apresentando a polémica acerca da natureza física, ética e religiosa do desenvolvimento tecnológico. A obra estreou no Festival de Viena em 2002 e foi em digressão pela Europa, América, Austrália e Hong Kong.

Esta obra, uma co-produção onde participaram vários festivais e instituições entre elas a Fundação Centro Cultural de Belém, foi apresentada no Grande Auditório do CCB em Novembro de 2002.

A Nonesuch lançou um DVD/CD da peça no Outono de 2003 e apareceu nas listas de muitos críticos como o “Melhor do Ano”.

Ao longo dos anos, Steve Reich tem recebido numerosas encomendas, nomeadamente do Barbican Centre (Londres), Holland Festival, San Francisco Symphony, The Rothko Chapel, Festival de Viena, Hebbel Theater (Berlim), Brooklyn Academy of Music para o guitarrista Pat Metheny, Spoleto Festival (EUA); West German Radio (Colónia), Setembro Musica (Turim), Fromm Music Foundation para o clarinetista Richard Stoltzman, Saint Louis Symphony Orchestra, Betty Freeman para o Kronos Quartet e o Festival d’Automne (Paris), para as comemorações do 200.º aniversário da Revolução Francesa.

A música de Steve Reich tem sido interpretada pelas principais orquestras e ensembles mundiais, incluindo a London Symphony Orchestra dirigida por Michael Tilson Thomas, a New York Philharmonic Orchestra dirigida por Zubin Mehta, a San Francisco Symphony dirigida por Michael Tilson Thomas, o Ensemble Modern dirigido por Bradley Lubman, o Ensemble Intercontemporain dirigido por David Robertson, a London Sinfonietta dirigida por Markus Stenz e Mar-

ty Brabbins, o Theater of Voices dirigido por Paul Hillier, o Schoenberg Ensemble dirigido por Reinbert de Leeuw, a Brooklyn Philharmonic Orchestra dirigida por Robert Spano, a Saint Louis Symphony dirigida por Leonard Slatkin, a Los Angeles Philharmonic dirigida por Neal Stulberg, a BBC Symphony dirigida por Peter Eötvös e a Boston Symphony Orchestra dirigida por Michael Tilson Thomas.

Vários coreógrafos de renome criaram coreografias para a música de Steve Reich, incluindo Anne Teresa de Keersmaecker (*Fase*, 1983, para quatro obras antigas e *Drumming*, 1998, e *Rain* para a *Music for 18 Musicians*), Jiri Kylian (*Falling Angels* para *Drumming Part I*), Jerome Robbins para o New York City Ballet (*Eight Lines*) e Laura Dean que encomendou *Sextet*. A peça *Impact* estreou-se no Brooklyn Academy of Music’s Next Wave Festival e foi-lhe atribuído, simultaneamente com Laura Dean, um Bessie Award em 1986. Outros importantes coreógrafos, como Eliot Feld, Alvin Ailey, Lar Lubovitch, Maurice Béjart, Lucinda Childs, Siobhan Davies e Richard Alston, utilizaram a música de Reich.

Em 1994, Steve Reich foi eleito para a American Academy of Arts and Letters, em 1995 para a Bavarian Academy of Fine Arts e, em 1999, foi agraciado com a medalha de Commandeur de L’Ordre des Arts et Lettres.

Em 2000, recebeu o Prémio Schumann da Universidade de Columbia e distinções académicas como o Montgomery Fellowship do Dartmouth College, o Regent’s Lectureship da Universidade da Califórnia em Berkeley, o doutoramento honorário do Instituto das Artes da Califórnia. Em 2007, recebeu o Polar Music Prize concedido pela Academia de Música Real Sueca.

Em 2006, várias organizações em todo o mundo assinalaram as comemorações do 70.º aniversário do seu nascimento, com festivais e concertos especiais. Na sua cidade natal, Nova Iorque, The Brooklyn Academy of Music (BAM), Carnegie Hall e Lincoln Center juntaram-se para apresentar programas complementares de música, e em Londres, o Barbican organizou uma grande retrospectiva. Foram apresentados concertos em Amesterdão, Atenas, Bruxelas, Baden-Baden, Barcelona, Birmingham, Budapeste, Chicago, Colónia, Copenhaga, Denver, Dublin, Freiburg, Graz, Helsínquia, Los Angeles, Paris, Porto, Vancouver, Viena e Vilnius, entre outros. Paralelamente, Nonesuch Records lançou uma segunda série de obras do compositor, *Phases: A Nonesuch Retrospective*, em Setembro de 2006. A colecção de

cinco CD’s compreende 14 das suas obras mais conhecidas, abrangendo os 20 anos da sua relação com esta etiqueta. Em 2005 a Nonesuch lançou a primeira gravação de *You Are Variations* e *Cello Counterpoint*, apresentando o *LA Master Chorale* dirigido por Grant Gershon e a violoncelista Maya Beiser.

Os seus trabalhos recentes continuam a demonstrar um estilo de composição tão cativante como os dos últimos anos. *Daniel Variations* (2006) foi uma encomenda conjunta do Barbican Centre, Carnegie Hall, Daniel Pearl Foundation, Cite de la Musique e Casa da Musica, e é baseado nos textos do jornalista desaparecido Daniel Pearl. Esta peça estreou com grande êxito no Barbican em Londres e foi apresentado posteriormente em Nova Iorque, Paris, Munique, Porto, Los Angeles, Toronto, Boston, Miami e Tóquio, com uma gravação pela Nonesuch.

*Double Sextet* (2007) uma encomenda do grupo Eighth Blackbird, é uma peça de 22 minutos que teve a sua estreia mundial a 26 de Março de 2008 no Modlin Center for the Arts da Universidade de Richmond na Virgínia. Composto para duas flautas, clarinetes, vibrafones, pianos, violinos e violoncelos, *Double Sextet* pode ser tocado de duas formas; ou com 12 músicos ou com seis músicos tocando à frente de uma gravação deles próprios.

Em Abril de 2009 obteve o seu primeiro Pulitzer Prize com esta peça.

Bang on a Can estreou o último trabalho de Steve Reich Reich, *2x5*, composto para uma banda rock,

em Julho de 2009 no Manchester International Festival, partilhando o palco com os músicos alemães pioneiros em música electrónica, Kraftwerk.

As obras de Steve Reich são publicadas por Boosey & Hawkes.

## BANG ON A CAN ALL-STARS

Bang on a Can tem vindo a conquistar audiências ao longo dos seus vinte anos de carreira. Os projectos actuais incluem festivais de música e a Maratona Anual Bang on a Can; o People’s Commissioning Fund, um programa que apoia compositores emergentes; Bang on a Can All-Stars, que viaja em digressão pelos festivais e salas de concerto mais importantes de todo o mundo; o Festival de Verão Bang on a Can no MASS MoCA, um programa de desenvolvimento profissional para jovens compositores e intérpretes; colaborações interdisciplinares com DJ, artistas plásticos, coreógrafos e realizadores; e Asphalt Orchestra, a nova banda de rua de Bang on a Can que oferece *performances* móveis de música invulgar, levando-a pelos bairros de Nova Iorque e por esse mundo fora.



O programa desta noite apresenta quatro membros dos Bang on a Can All-Stars – David Cossin, percussão; David Friend, piano; Mark Stewart, guitarra; Evan Ziporyn, clarinetes/piano –, juntamente com os nossos amigos nova-iorquinos Talujon Percussion Quartet, um *ensemble* “All-Stars” muito híbrido e especial.

No início, os seus fundadores, Michael Gordon, David Lang e Julie Wolfe, perceberam que a sua abordagem nova e aberta requeria novos intérpretes. Era fundamental uma nova geração de instrumentistas virtuosos e apaixonados de modo a fazer emergir esta música. Estes novos músicos precisavam de novas capacidades. Deveriam de ter a capacidade de atravessar fronteiras musicais e de estar à vontade com muitos estilos e tecnologias. E tinham de ser excepcionais. Michael, David e Julie começaram rapidamente a reunir um núcleo de músicos entusiasmados, dedicados e versáteis, e estes intérpretes começaram a actuar com regularidade de festival em festival. Fora deste núcleo, em 1992, constituíram os Bang on a Can All-Stars.

A própria instrumentação demonstra a intenção estética que esteve na origem dos All-Stars. Clarinetes, violoncelo, teclados, guitarra eléctrica, baixo e bateria – simultaneamente é uma banda de rock e um *ensemble* de câmara ampliado. Construído especificamente para esbater as linhas entre os *ensembles* clássicos e *pop*, o alinhamento foi escolhido de modo a dar voz a um grande leque de músicos e estilos, e os intérpretes tinham de combinar a sua formação musical e capacidades. Cada músico está completamente familiarizado com a nova música mas tiveram outras experiências musicais – colaborando com Yo-Yo Ma, dirigindo um gamelão, viajando em digressão com Paul Simon e Bob Dylan, entre outros. Os músicos trouxeram

as suas experiências de outros lugares para os All-Stars, e esta mistura confere à sua actuação uma atmosfera *hard-rock*, não encontrando equivalente em nenhum outro grupo.

Transportamos esta atitude quando trabalhamos com outros artistas. O programa desta noite apresenta quatro membros dos Bang on a Can All-Stars – David Cossin, percussão; David Friend, piano; Mark Stewart, guitarra; Evan Ziporyn, clarinetes/piano –, juntamente com os nossos amigos nova-iorquinos Talujon Percussion Quartet, um *ensemble* “All-Stars” muito híbrido e especial. De Steve Reich, Bang on a Can All-Stars a Tajuon, todos estes artistas estão a testar as fronteiras dos mundos que herdaram, derrubando velhas barreiras e construindo qualquer coisa de novo.

No século XXI, os All-Stars continuam a levar a sua marca de excelência às mais diversas salas de espectáculo de todo o mundo. Recentemente, o grupo fez a abertura do Festival de Manchester 2009, com a estreia mundial de *2x5* de Steve Reich, partilhando a efeméride com os lendários pioneiros da electrónica alemã, Kraftwerk.

Os seus novos projectos para 2009/2010 incluem *Steel Hammer* de Julia Wolfe, *Appalachian Folk Ballad* com o Trio Mediaeval, *A House in Bali* de Evan Ziporyn, uma nova ópera-dança apresentando os All-Stars com os Balinese Gamelan, encomendas de Louis Andriessen, Bill Frisell, Ryuichi Sakamoto, entre outros.

#### CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE] \ ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL] \ MARGARIDA VEIGA [VOGAL]

#### CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO | ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA | ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR | ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÊS | DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ | PRODUÇÃO INÊS CORREIA \ PATRÍCIA SILVA \ HUGO CORTEZ \ INÊS LOPES \ VERA ROSA \ JOÃO MIGUEL MARTINS | ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO | DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS OMBERG | DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES \ PATRÍCIA COSTA \ PAULA FONSECA | ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA ISABEL BOAVIDA | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA VOLANDA ALVES | DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA | CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS | TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS \ LUÍS SANTOS \ RAUL SEGURO | TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO \ F. CÂNDIDO SANTOS \ VÍTOR PINTO \ CÉSAR NUNES \ JOSÉ CARLOS ALVES \ HUGO CAMPOS \ MÁRIO SILVA \ RICARDO MELO \ RUI CROCA | CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO | TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO \ EDUARDO NASCIMENTO \ LUÍS GARCIA SANTOS \ NUNO BIZARRO \ PAULO CACHEIRO \ NUNO RAMOS | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY | TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA \ LUÍS TEIXEIRA \ VÍTOR HORTA

WWW.CCB.PT





CCB

silêncio

## SETE LÁGRIMAS

tenores e direcção artística

FILIPE FARIA / SÉRGIO PEIXOTO

soprano

ZSUZI TÓTH

flautas de bisel, oboé barroco e oboé da caccia

PEDRO CASTRO

flautas de bisel

INÊS MOZ CALDAS

tiorba e alaúde

HUGO SANCHES

violoncelo barroco

DIANA VINAGRE

### ESTREIA MUNDIAL

IVAN MOODY (n.1964): Γένεσις I-III (Genesis I-III)

ANDREW SMITH (n.1970): Lamentation I-III

JOÃO MADUREIRA (n.1971): Passio I-III

SALA LUÍS DE FREITAS BRANCO

DOMINGO / M/12

(CONVERSA) 17H / (CONCERTO) 18H

15 NOV'09

[www.ccb.pt](http://www.ccb.pt)  
Bilheteira online:  
traga o seu bilhete de casa

CCB  
CARRÃO AMIGO

O CONCERTO É ANTECEDIDO DE UMA CONVERSA COM OS COMPOSITORES E OS MÚSICOS, NA QUAL ESTARÃO TAMBÉM PRESENTES JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO (DIRECTOR DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA DIOCESE DE BEJA) E TOLENTINO MENDONÇA (TEÓLOGO)

IMAGEM: RUILES DURO MACIAR, COTTON PARA "SETE DE SANTA CECÍLIA", 1974, SANTARÉM DO CAJAL, MUSEU DE ARTE SACRA, NY, NY - 1977. 2014 - O DEPARTAMENTO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA DIOCESE DE BEJA

CO-PRODUÇÃO CCB / Arte das Musas

MJC  
MUSEU DE CULTURA

dePARTES

UNIVERSIDADE DE BEJA  
UNIVERSITY OF BEJA

ARTES & MUSAS